

O Ministério do Trabalho está investindo, neste ano, 61 milhões de reais no treinamento de 280 mil trabalhadores. Três vezes mais do que investiu no ano passado. Metade desses recursos já foi liberada. E o Governo vai liberar os 31 milhões de reais que estão faltando, tão logo sejam concretizados os vários convênios com os estados.

A educação profissional é mais uma parceria do Governo Federal com os governos estaduais. Os projetos são elaborados junto com a sociedade e executados de forma descentralizada.

Esses cursos preparam as pessoas para trabalharem por conta própria ou para se empregarem em uma firma. Há cursos de todos os tipos: para eletricitista, encanador, costureira, padeiro, mecânico, computação e assim por diante. São cursos rápidos, que duram, no máximo, três meses, para que os alunos possam procurar, logo, um trabalho.

Qualquer pessoa pode participar desses cursos, mas a preferência é para os desempregados. Você que está desempregado deve buscar ajuda. Procure a Secretaria do Trabalho da sua cidade ou um dos 968 postos de pagamento do seguro desemprego que estão espalhados pelo País. Você pode se candidatar a um curso e a um emprego, mesmo que não tenha direito ao seguro.

A intenção do Ministério do Trabalho é preparar, a cada ano, um número maior de trabalhadores para enfrentar o mercado, que se moderniza a passos largos. A tendência mundial é de crescimento dos chamados trabalhos autônomos, principalmente nos setores de comércio e nos serviços.

Isso já vem acontecendo no Brasil. Os trabalhadores sem carteira assinada e os que trabalham por conta própria são os que tiveram o maior aumento de emprego e de renda, desde o início do Plano Real.

Veja o resultado da pesquisa feita pelo IBGE, nas regiões metropolitanas de Recife, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: de junho de 94 a julho de 95, a renda dos trabalhadores com carteira assinada aumentou 17%. A dos trabalhadores sem carteira assinada aumentou 31%. E a dos brasileiros que trabalham por conta própria cresceu mais ainda, 43%.

Como você vê, o Brasil está se preparando para as mudanças que estão ocorrendo no mercado de trabalho. Em alguns setores, estão sendo criados novos empregos. Nós temos que treinar o trabalhador para esses novos empregos. Em outros setores, está havendo demissões. E essas demissões estão acontecendo, principalmente, na indústria de calçados do Rio Grande do Sul e na indústria de automóveis de São Paulo. Nos dois casos, há crise por causa da competição com outros países e porque a indústria está se modernizando. As empresas produzem mais, com um número menor de trabalhadores.

Além disso, no Rio Grande do Sul, as indústrias de calçados estão terceirizando serviços. Demitem o empregado, que cria uma micro empresa e passa a trabalhar em casa, prestando serviços para a indústria. Em São Paulo, a indústria automobilística vem adotando um processo de terceirização há já alguns anos.

Mas as demissões têm, também, uma outra causa. Quando nós lançamos o Plano Real, muitos saíram comprando mais do que podiam. A indústria embarcou no sonho do consumo e aumentou a produção. Só que as pessoas passaram a comprar, agora, apenas o necessário. Com o dinheiro valorizado e a inflação baixa, acabou aquela necessidade de comprar depressa para aproveitar preço. Apesar disso, para o conjunto do Brasil, o desemprego não aumentou, desde o início do Real.

Segundo o IBGE, em agosto de 94, a taxa de desemprego era de 5,5%. E ninguém falava em crise de emprego. Em agosto deste ano, a taxa caiu para 4,9%.

Eu não quero dizer, com tudo isso, que a vida de todos os brasileiros vai muito bem. Mas, para acabar com tantos anos de inflação, o caminho é esse que estamos seguindo. Não dá para correr. É preciso medir cada passo, pesar cada decisão e, principalmente, continuar acreditando no Real, porque está dando certo.